



## MOÇAMBIQUE

### Num impulso ecuménico o Povo uniu-se em súplica de Paz

**P**ASSOU o tempo das eleições. A insegurança estabelecida, a desconfiança nos homens que manejam o Povo segundo interesses subjectivos e virtualmente dolosos, foi explorada pelos meios de comunicação partidária.

O povo, numa consciência clara de que o homem põe e Deus dispõe, juntou-se para rezar. Nas cidades e povoações, num impulso ecuménico, se uniu numa voz de súplica pela Paz, numa intuição telúrica de que este mundo é de Deus e Ele ouve sempre os gemidos dum Povo cansado de guerra.

As crianças, menos atentas ou mais inconscientes, de muitos modos foram associadas também, porque os frutos a alcançar com esta evolução para a democracia só poderão ser saboreados por elas.

Na Massaca e durante quatro domingos, houve oração comunitária. Em nossa Casa todos os dias, procurando não só depor no coração a semente da Paz, como abrir-lhes a

Continua na página 4



Rampa de acesso aos pavilhões, outro ex-libris do Calvário.

## Calvário

«O mundo tende a colocar de parte aquilo que parece não prestar; um Incurável é estorvo. O mundo engana e engana-se. Na hora em que a chamada ciência se retira, começa o poder de Deus.

O Incurável é uma fortuna. Mais do que as Casas do Gaiato, mais do que o Património dos Pobres, esta edição da Obra da Rua — o Calvário — é a sua maior riqueza. Cada Doente traz consigo uma fortuna, não digo a da garantia do seu sustento, que seria muito importante, mas ele traz mais do que isso. Eles são páginas em sangue de Teologia.»

# Nota da quinzena

## Os dois gémeozitos de Paranhos

**O**S nossos dois gémeozitos de Paranhos, aqui conhecidos pelos «Gremlins», foram levados pela mãe no fim de Setembro e continuam por lá. Ainda há pouco estive com a sua professora do ano passado (a qual, por mercê de Deus, seria a deste ano!) e, uma vez mais, ela me perguntou: «Então os gémeos — vão vir...?»

Espertos, vivaços, muito vividos, eles começaram a deixar hábitos da rua e a tornarem-se alunos muito razoáveis; por isso mais pena tem a professora de os saber em vias de perdição. Se vão vir..., eu não sei, embora lhes tenha guardado o seu lugar.

Tiago e Emanuel, de seus nomes, tinham o estatuto de «personalidade pública» na zona. A rua era o seu *habitat*; a pedincha a sua profissão. Desde que vieram (cumpriram-se, há dias, quatro anos) muita gente de Paranhos, em ocasionais encontros, me perguntava pelos gémeos.

Foram os Vicentinos da Paróquia os primeiros a dar o alarme. Depois, a Assistência Social corroborou. Depois, o Tribunal de Menores no-los entregou. Não se me apaga da memória a primeira visita da mãe e da numerosa tribo de acompanhantes, tal o espectáculo que a rodeou. Entretanto a encenação das visitas foi progredindo em discreção, tanto que até os deixei ir a casa no passado Ano Novo. Mas já então foi necessário a intervenção da Autoridade para o seu regresso.

## Recondução das crianças

Agora, logo preveni o Tribunal de Menores e pedi a sua recondução. Tenho aproveitado a frequente correspondência com o referido Tribunal, para lembrar, em alínea aparte, o caso dos pequenos. Respondem-me que a Polícia não tem dado conta do mandato de recondução, que

ainda os não encontrou... Como é possível, se os miúdos andam por lá..., se a casa da mãe não dista um quilómetro da Esquadra de Paranhos..., se, ao menos de manhã cedo ou à noite, com certeza estão em casa...?! Será esta recondução um problema tão difícil que não caiba na eficiência a esperar da normal actividade dos Agentes da ordem?! E não são estas crianças, abandonadas a uma vida marginal, potenciais agentes da desordem?! E que dizer da lei que as obriga à frequência da Escola? — lei

sem zeladores que minimizem a sua infracção!

De outra vez, no mesmo Tribunal de Menores e a pretexto de outro caso semelhante, ouvi, à guisa de desabafo e de justificação, que seriam precisos dois Guardas exclusivos para serviços como estes. Nem tanto era me parece! Mas será que levaram a necessidade ao conhecimento de instâncias superiores do Ministério da Justiça para que se entendessem com as equi-

Continua na página 3

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

### Ilha miserável de várias famílias

**F**OI uma corrida longa para lá voltarmos. Dia húmido e caminhos e carreiros de lama. Um mundo de crianças famintas. Na primeira paragem é a habitação do casal com nove filhos. O pai, que tinha abandonado a família, voltou. Tinha ido com a mulher buscar uns paus. Sete dos filhos estavam a pôr mato na lama, à entrada. A filha, de catorze anos, a tomar conta da panela ao lume com feijão seco. Era o comer que tinham naquele dia. Cá fora um balde grande com roupa muito suja... de lama.

Não sou capaz de descrever onde toda aquela gente dorme. São três montes de roupa suja. São ali as suas camas. Nem espaço nem divisões capazes. Não há portas e no lugar da janela um pedaço de pano roto a voar ao vento. Soalho nunca teve.

Apareceu uma tia. Traz no ventre o sétimo filho. Aspecto triste. A casa é pouco melhor que a da irmã. Tinha junto dela os seus seis filhos: «O meu marido anda muito longe, nas obras, a ganhar para nós comermos», disse.

As cinco irmãs vivem todas ali com a sua prole. Habitações semelhantes. Tijolos sobrepostos e alguma madeira. Já lhes haviam financiado todos os materiais precisos. Eles só davam a mão d'obra. Mas, nada feito. Tudo na mesma. Agora, contactámos um construtor vizinho a ver se

Continua na página 3

## Conferência de Paço de Sousa

**IDOSOS** — Ela procura-nos, vergada ao peso dos anos e dos males que sofre. Tem a pensão social pró caldo e pouco mais. «A reforminha é pequena! A pouco chega... Não dá prós rumédios, não senhor. Mas a gente vai vivendo, graças ò Senhor.»

Esta conformação pacífica — ainda um estado d'alma dos mais pobres no meio rural — não deixa de ser uma denúncia bem mais dura e acutilante..., relativamente à injustiça que alguns deles sofrem, em seu corpo, no País que somos. Durante o mês em curso há um pequeno aumento nas pensões, cujo valor nem chega para uma bica diária!

A supra dita velhinha, porque doente, precisa de tratamento adequado e as boticas não fiam. Aviamos o receituário e conversámos, mais uma vez com os nossos botões, sobre a imperiosa necessidade de fornecimento gratuito de medicamentos a Indigentes pela Segurança Social... num critério adequado às circunstâncias.

— Seria mais um encargo para o País.

— Os que podem aos que precisam...

Aliás, folgamos pelo interesse que este problema específico, a sua gravidade, suscita em diversos sectores. Exactamente para se evitar a morte lenta... de muitos Pobres, amenzando ou curando as dores dos que precisam.

**PARTILHA** — «Manel de Braga» com cheque na mão, pugnando sempre pelo bem-estar das viúvas; e quem diz viúvas, diz órfãos. Quantas, pelo mundo fora, para além da solidão, arrastam uma cruz dolorosíssima (assim mesmo, no superlativo absoluto simples).

O casal-assinante 11902, do Fundão, parte e reparte, todos os meses, pelos Pobres. Agora, 11.000\$00, «com votos das bênçãos de Deus». Casal onde impera a fé — viva e responsável.

Mais vinte mil, da assinante 9595, do Porto: «Peço que os reserve para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e os restantes tostões para o que entenderem. Nem chega a uma gota de água... Não quero recibo nem nome n'O GAIATO. Se não aparecer aí em 1996 é sinal de que mudei de casa. Já fiz oitenta anos... Em 1995 ainda cá estarei para ler o Jornal...?» Um tesouro que Deus já escreveu no Livro da Vida!

Mais uma presença assídua, do Porto, o assinante 22892, da Rua Damião de Góis: «Amigos: Para ajuda da Ceia de Natal dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, envio a minha participação (50.000\$00) destinada aos que mais precisam, com votos de santo e feliz Natal», que já não tarda. Retribuímos na mesma proporção.

Assinante 51033, de U1 (Oliveira de Azeméis), traz um cheque a dividir por vários sectores: «(...) As minhas migalhas, como de costume. Pouco, mas é com amor que eu mando tudo. Vão 5.000\$00 para a Conferência de Paço de Sousa».

Vancouver (Canadá), vinte dólares da assinante 32217: «Pequena quantia para os nossos e vossos Pobres (ricos possessivos!) que tanto precisam. E tão pouco se faz por eles, pelo mundo fora...!

# Pelas CASAS DO GAIATO

Por isso, Deus nos ajude a compreender as suas necessidades». Vivências que resumem a essência da nossa fé, do amor aos irmãos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**FUGITIVOS** — Há já algum tempo que nenhum rapaz fugia da Casa. Mas parece que continua tudo como dantes. Foram quatro duma vez! Constatou que estiveram cá familiares e levaram-nos. Os outros dois, por um simples telefonema da mãe para irem embora. Porquê?!

Os miúdos bem integrados no seio da comunidade, já sabiam o significado da palavra amor. Pedimos aos parentes para terem cuidado com eles ou trazê-los de volta...

**TEMPO** — O Outono é sempre Outono! Foi-se o magusto e o S. Martinho, mas ficaram as folhas castanhas a navegarem pelo ar e pelo chão. Também, como sempre, os da lenha são os que pagam: têm que varrer as folhas. Uma tarefa difícil, pois nunca param de cair.

**AGRO-PECUÁRIA** — No campo, tudo verde! Os terrenos foram preparados para a erva, já em bom crescimento, que servirá de alimento para o gado no Verão. Na horta cuidam dos viveiros para a sementeira da conve e outros produtos. Nos estábulos, as vacas continuam a dar o precioso leite que saboreamos todas as manhãs. Que bom! Na pocilga, os porcos continuam sempre resmungões. E as galinhas não param de pôr ovos e de comerem muita ração!

**BALNEÁRIO** — Até que enfim, já temos água quente! O Neca teve uma ideia brilhante: a construção dum forno, em pedra, para se queimar quase todo lixo e paus. Um recurso que já devia estar em funcionamento há mais tempo. Poupa-se muita energia!

**OFERTAS** — Como elas são importantes no nosso dia-a-dia! Fruta, donativos, roupas, etc. Um agradecimento aos nossos Amigos que testemunham um dom de Deus. Obrigado.

**SUSPIROS D'ÁFRICA** — Finalmente o acordo foi assinado em Lusaka. E agora? O que fará o povo angolano? Alguém sabe o paradeiro dos pais de muitas crianças que andam pelas ruas a passarem fome ou a morrerem com doenças provocadas pela desnutrição?!

## Retalhos de vida

### NILTON



Sou o Nilton Rafael, o «Mancha Negra».

Antes de vir para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, estava em Lousada com os meus tios porque a minha mãe deixou-me num café...

Após dois anos com a minha tia, ela queria ver-se livre de mim enquanto meu tio estava ausente do país, acusando-me de ter gamado dinheiro a uma professora, durante o recreio. Mas depois de muitas conversas resolveram que eu continuasse na Escola ou fosse para uma Casa de Rapazes. Vim para a Casa do Gaiato.

Sou adepto do Benfica!

Nilton Rafael

Calam-se as armas, mas as crianças ficam sem condições de vida, sem ninguém saber qual será o seu futuro.

Em Malanje e Benguela temos a Obra da Rua que é a salvação de algumas crianças que sofreram com a maldita guerra. As Casas do Gaiato, em África, também não escaparam à guerra, principalmente em Malanje passou por ali muitas vezes... Com o acordo assinado esperamos que haja um entendimento para que o povo angolano possa viver dignamente como qualquer outro povo.

**DESPORTO** — No dia 27 de Novembro, no nosso recinto desportivo, fizemos um jogo-treino com uma equipa de Lagares (Penafiel).

Quando o adversário não deixa jogar, ou joga mal, não conseguimos produzir futebol. Foi o que aconteceu. Nos primeiros minutos sentimos muitas dificuldades para ultrapassar a barreira defensiva do adversário. A nossa pressão foi constante sobre eles, que sentiram logo os primeiros sinais de perigo. Ao intervalo vencíamos por 2-0. Na segunda parte tudo na mesma. Ganhamos por 4-2.

Repórter X

## TOJAL

**OBRAS** — Num próximo futuro, as nossas ruas estarão calcetadas. Sonho desta Casa do Gaiato. Também já temos uma piscina de 25m por 15m e uma bellissima casa de praia no Monte dos Ciprestes, em Sintra. Mas para que este sonho se concretizasse, somos ajudados por muitas pessoas amigas da nossa Obra.

acontecimento. Começámos a ensaiar tudo e a ver onde existem mais problemas.

**ESCOLAS** — Outra semana e pimba, os nossos estudantes regressam ao activo da Casa. Os chefes de grupo já serão maiorzitos e serão os que mais pedirão trabalho para o campo. Haverá também rapazes a ajudar os pedreiros e o calceteiro.

Quando acaba um período escolar vêm sempre as desgraças e, por vezes, um descontentamento do nosso Padre Cristóvão. Esperamos, este ano, que os estudantes se portem melhor, principalmente os do 9.º e 10.º anos sujeitos a provas globais.

**VISITANTES** — Nas férias do Natal e no 2.º período escolar recebemos mais visitantes e com eles diversos donativos que mantêm há quarenta e tal anos esta Casa de pé. É também sinal de esperança da parte dos nossos rapazes e das senhoras que tomam conta dos mais pequenos e dos problemas sérios da Casa. O nosso muito obrigado contínuo às pessoas que nos ajudam.

Joaquim Miguel F. Pinto

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Aproxima-se mais um Natal! Época de festa, alegria, amor,

fraternidade e generosidade. Mas, apesar destes adjectivos qualificativos, existem Pobres que O passam triste. Sentem-se abandonados, sem carinho. Para estes, é somente mais um dia em que tudo nas suas vidas permanece na mesma. Quantos não têm um tecto para se abrigarem, um pouco de comida para enganar a fome, um agasalho para se protegerem do frio, uma palavra amiga, reconfortante; enfim, um sem nunca acabar de carências!

É para estes nossos irmãos mais necessitados que, no sentido de ser possível dar um pouco de calor humano, pedimos ajuda para que, em conjunto, possamos alterar de alguma forma as suas vidas, dando-lhes um novo significado, satisfazendo diversas necessidades básicas e assim possam ver uma luz no fundo do túnel.

Que todos nós disfrutemos com simplicidade, conforto, e envoltos em carinho, a imensa alegria do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — De J. R. D., 2000\$00. Assinante 26040, cheque de 20.000\$00. Maria Vilhena, 17.500\$00. Maria Augusta, 10.000\$00.

Bem hajam e um feliz Natal, são os nossos votos.

Deus vos ajude em tudo o que necessitardes.

Casal vicentino

## FAMÍLIA

### Um dia de convívio

É assim todos os anos. Aquele dia é para convívio. Da parte da manhã há desafio de futebol. Os que ainda estão na Casa e os que já estiveram. Desafio a sério. Os mais novos são mais valentes. Estivemos a assistir ao jogo. Apreciamos a delicadeza e amizade de todos. Houve alguns castigos, mas nada de zangas. O árbitro, por ser pequeno, andou muitas vezes nos braços dos jogadores. Acabou tudo bem. No fim, todos tiveram fotografia.

Ao meio-dia, a Eucaristia. Somos uma família cristã. Cantaram e rezaram. Foi uma boa assembleia presidida por Jesus Cristo.

Depois, o almoço. Para ser mais simples, os que ainda estão na Casa comeram nos seus lugares à mesa. Ambiente de muita alegria. Os que já não estão, novos e velhos, almoçaram todos na casa dum dos casados. Almoço simples, devorado com apetite, que parece já vinha atrasado. Horas de muitas recordações. Coisas alegres e tristes. Mas tudo já passou. Importa viver o presente e preparar o futuro.

A tarde foi preenchida com um magusto. Horas à espera que as castanhas se assassem, pois nunca mais chegavam. Mas todos esperaram com paciência.

Finalmente, chegou a hora. Estavam as castanhas assadas. Vamos ao ataque. E houve ordem. Os jogadores mais novos também foram convidados. Apare-



Sara Estefânia, filha do Manuel Teixeira (Nera) e da Maria do Céu

# ENCONTROS em Lisboa

## O nosso ministério escondido

«Vem Senhor Jesus!» É este o grito do povo de Deus em marcha. Coração cheio de esperança. Ao mesmo tempo, ansia inconsciente porque o prosaico e duro dia-a-dia tem momentos que parecem querer levar a melhor, ofuscando essa esperança que teima em se manter viva. Acredito que és Tu, Senhor Jesus, que vais alimentando esta esperança!

Neste momento recordo duas passagens dos escritos de Padre Américo:

«A *Obra da Rua* é o amparo dos mais abandonados, que ela procura levantar com o próprio concurso dos assistidos, rejeitando a tentação dum ministério mais frutuoso com pessoas menos difíceis.»

«A *Obra da Rua* prefere os mais repelentes, os mais difíceis, os mais viciosos. A *Obra da Rua* nasceu com este espírito e assim tem de continuar para ser, através dos tempos, uma palavra nova... Se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que o não é — nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da *Obra da Rua*. Era a sua decadência.»

Recordar estas palavras em tempo de Advento é tentar colocar mais dentro do

coração o nosso ministério escondido, a fim de o purificarmos. É também um desafio à nossa capacidade para, todos os dias, percebermos e acolhermos os filhos que Deus nos quis dar. Quantas vezes me encontro diante de relatos antagónicos: de um lado um miúdo bem comportado, com problemas familiares, é certo, mas que manteve sempre um espírito dócil, incluindo higiene cuidada. Do outro, um miúdo que se tornou problema na escola e na vizinhança, sem regras e sem normas. Por fidelidade, é este último que se tornará nosso. Depois, «fazer dele um homem» tem o seu tempo, os seus momentos de dor e de esperança e, também, o sabor amargo de algumas derrotas.

## Corrigir e inverter marchas

Como norma, os nossos rapazes estão sedentos de alguém que os acolha, acarinie, perdoe e, pouco a pouco, os conduza com segurança pelos caminhos da vida digna. A sua insegurança leva-os, muitas vezes, à agressividade verbal. A agressão foi a escola em que andaram e torna-se algo moroso quebrar esse impulso inicial. A adolescência

atira cá para fora muita coisa que andava escondida e que só se manifesta havendo a ocasião e é a partir dessa ocasião, sempre insuspeitada, que é possível corrigir e inverter marchas. Pelo caminho ficam os sofrimentos e as feridas causadas. Os frutos poderão aparecer mais tarde e essa esperança anima quem neste momento semeia. Trabalho duro que só o coração de quem ama é capaz de aguentar. Exige entrega total de vida, não para fazermos o que queremos mas, em cada instante, discernirmos o que é melhor e o que é possível.

## O segredo da estrutura das Casas do Gaiato

Os males de um ser humano no que diz respeito ao comportamento, ao agir com dignidade e ao sentir-se homem equilibrado só se conseguem curar no encontro com pessoas onde se sinta o amor e a dignidade. Creio ser este o segredo da estrutura das Casas do Gaiato. Quantos males se curam com um sorriso, um carinho, uma palavra de acolhimento, um tempo e uma vida de disponibilidade! Eis também aí a nossa fraqueza. São precisos homens e mulheres, padres e senhoras que se disponham a gastar a sua

vida num acto de doação total para que os rapazes que vamos buscar à rua se tornem homens. Será que os cristãos estão capazes de aceitar estes desafios?

Em vésperas de Natal fala-se muito de solidariedade. Há ocasiões em que sinto um certo mal estar porque estamos a estragar uma palavra utilizando-a para tudo e para nada. Certas solidariedades resumem-se a limpar os armários da roupa porque, entretanto, é preciso arranjar lugar para as novas modas e marcas... Também não se deve que a solidariedade passa apenas pelo dar coisas. Tem a ver com o dom da vida a quem está em necessidade. Os nossos rapazes rejubilariam com uma solidariedade a sério de homens e senhoras que lhes quisessem dar a vida. Hoje, de manhã, estive a falar com um visitante de cadeias. Falava-me da dor que sentia ao ver tantos jovens aí metidos. Dentro de mim ia pensando que, um dia, ao fazer-se a história dos cristãos de hoje se poderá dizer: muitas palavras bonitas, mas muitos jovens se perderam porque eram só palavras.

Neste Natal, terei que continuar a dizer ao Deus-Menino: faltam Homens e Senhoras para os Teus filhos mais pequenos que andam por aí perdidos.

Padre Cristóvão

# MALANJE

25/10/94

Manuel é um menino triste... Impressionam-me os seus olhos profundos e magoados! Dois lagos que nos dão com nitidez todos os contornos das margens recortadas — marcas gravadas da guerra e imagem fiel da fome...

Dormia num prédio da cidade. Um prédio sem portas — escape de caco e excremento de morcegos.

Limpar com uma esponja de carinho todas as impressões da alma e dos olhos do Manuel... Faz aqui falta o teu carinho de mãe... E, quem sabe?, talvez tu o desperdices em futilidades ou em mil projectos falíveis e condenados a apodrecerem no pó. Deixa tudo (nada perdes) e vem apagar com teus olhos carinhosos os olhos doentes e tristes do Manuel. Somente ganharás!, lá no teu encontro com Deus.

ceram e saborearam. A água-pé animou a malta. Foi o melhor da festa.

No fim, um dos mais velhos fez as contas. Os mais velhos, entre si, pagaram tudo. Os novos partilharam mais esta alegria, pois já de manhã haviam ganho o jogo alegremente.

Um dia de convívio. Tudo em família. Bendito seja Deus que deu a Pai Américo o *tino* de fazer tudo para que seus filhos se considerem em família, tanto nas Casas do Gaiato como em toda a *Obra da Rua*. Este viver em família é a base que lhes serve para constituir a sua própria família.

Padre Horácio

26/10/94

Num polo, região fria, cai neve e o sol faz nos prados espelhos de prata; noutro, região de calor intenso, o sol apodrece os restos — banquete de moscas e larvas.

Num, caminhos de alcatrão e parque de estacionamento, onde bons automóveis esperam os meninos da

## Nota da quinzena

Continuação da página 1

valentes do Ministério da Polícia e providenciassem? Ou será que vivemos em reinos diferentes, de costas uns para os outros?!

## Última diligência

A nossa última diligência para o regresso dos gémeos, foi no gabinete do Juiz. Perguntei-lhe porque, em defesa dos menores, não agiam relativamente à mãe. Esperar dela compreensão e consciência é utopia. E um sustozinho poderia acordar o medo que também «guarda a vinha».

— *Isso não é com este Tribunal; é com o da Família.*

— Mas o Tribunal da Família é mesmo aqui atrás — retorquiu. Porque se não conjugam esforços para defender os que ainda têm defesa?

O senhor Dr. Juiz fechou o processo dos nossos gémeos que acabara de folhear. Sai sem esperanças. Será que vivemos em reinos diferentes, de costas uns para os outros?...

Padre Carlos

creche, limpos e impecáveis; noutro, mesmo ao lado, caminhos de terra, onde ninguém espera os meninos bem sujos. Pela proximidade, o contraste choca e magoa.

Espreitei: Num, empregados com fardas, meninos e meninas com batas, flores e asseio; noutro, serventes pobres, chão sujo e cobertores mijados estendidos nos arames. Para que serviu um socialismo científico, cantado e pintado em cada esquina? Justiça social é anseio do Homem. Não basta apregoá-la; necessário, traduzi-la em obras — em cada caso, no tempo e no lugar.

28/10/94

«Calibre» é a alcunha dum rapaz nosso e bem marcado por uma infância esfarrapada. Tem ainda uma avó com quem vivia.

De vez em quando uma fuga, pelo dia, até ao seu campo dos mercados. Aí o seu «mundão».

Uma, duas, três vezes... Alto lá!: Cozinha, cozinheiro do jantar.

Nos primeiros dias, tudo bem. Depois, começámos a notar que a sardinha de conserva estava nadando para longe do arroz...

Descobrimos, então, que o nosso «Calibre» a pescava para alimento dos seus negócios com os antigos companheiros do mercado.

Foi julgado e condenado a ir para a avó durante 2 meses.

Talvez ganhem todos com este negócio e o «Calibre» ganhe um novo timbre.

12/11/94

Os dois meninos sentados no chão de terra olhando ao

longe o vazio, reflexo triste de seus corações feridos...

A sua mãe tinha ido à mata por tortulhos, talvez, para o seu jantar. Lá ficou esfaqueada por guerrilha extemporânea e louca.

Não dá para entender...

Levei-os pela mão para um dos mais velhos lhes dar banho e roupa de vestir.

Mais dois com quatro olhos lindos e tristes! Impossível dizer não. Só tinham a

mãe para lhes procurar o tortulho do jantar.

Ai guerra, fonte diabólica de lágrimas sem fim!

«Corações de pedra!»

Dai-nos, Senhor, um «coração de carne»! A cada um o coração novo capaz de renovar a mentalidade. Assim o nascimento da Esperança e da alegria. Amém.

Padre Telmo

## Património dos Pobres

Continuação da página 1

começa a solucionar aquela situação. Pareceu-nos a melhor. Fazer tudo e entregar-lhes já feito. É mais por amor às crianças que são inocentes.

## Um resto de ruínas

Era já noite quando nos aproximámos. A distância havia luz na rua. Percorremos a escuridão e entrámos. Uma vela acesa e um montinho de brasas ao calor das quais estava a mãe com as duas mais pequeninas. Não havia sinais de ceia. Perguntámos pela refeição e o mais velho ficou sem resposta. Dali fomos à casa paroquial onde encontramos o pároco. Um homem de idade e querido pelo povo. Já tinha ouvido falar naquela situação. A mãe tem má fama. Os filhos mais velhos são moimantes. O povo não simpatiza com aquela família.

Argumentámos que não pode ser. Uma comunidade cristã não pode estar tranquila com crianças abandonadas assim. É necessário arranjar-lhes uma casa ou fazê-la de novo ou comprá-la já feita. Nós comprometemo-nos a ajudar. — *Estas coisas fazem-se no altar*, como dizia Pai Américo.

O pároco ouviu e procurou entender-nos. O número de anos não o há-de estorvar. Prometeu que se ia mexer e iria mexer com o seu povo. Assim esperamos e queremos estar atentos.

Ainda conseguimos passar por casa de pároco da cidade que encontramos muito preocupado com as obras de que necessitam as habitações dos bairros do Património dos Pobres; e ainda mais aflito com a situação em que vão ficar vinte e quatro famílias que vivem em prédios da *Caixa* e que vão p'ra rua.

Padre Horácio

## PASSO A PASSO

O jantar terminou. Fui saindo da casa-mãe em direcção ao escritório. Acompanhavam-me alguns rapazes, cada qual com o seu problema para resolver. Feito isto, foram-se embora, ficando só um deles junto de mim, o Frederico.

Fui olhando para ele e recordando alguns momentos passados que o ajudaram a dar saltos importantes no seu crescimento...

Quando o conheci, ninguém o queria como ajudante nos trabalhos: fosse na lenha ou na limpeza da tipografia, a todos fazia perder a paciência. Ou por se esquivar à obrigação ou por fazê-la mal, havia sempre motivo para o repreender e mesmo castigar.

Perante isto, fui procurando saídas a que ele se agarresse, e ia verificando que quando o acompanhava nos trabalhos, ainda que não em todo o tempo, o Frederico era cumpridor e realizava a sua obrigação com gosto.

Um dia, veio uma crise — momento importante — o Frederico estava revoltado, sentia-se rejeitado e só pois o irmão que estava connosco, tinha ido embora! Falámos, e as razões do nosso viver, quem somos, o que fazemos aqui, o que queremos construir...

Não sei o que se passou com ele! O certo é que o Frederico mudou muito. Até aí era alvo de constantes chamadas de atenção. Depois, deixou de se falar no Frederico...

Mas ele ainda está connosco! Estava ainda há pouco à minha frente, entretido mas bem presente...

Ao olhar para ele, pensei em alguém que quando O conhecemos não mais O largamos. Deixamo-nos estar, como a irmã de Marta, aos Seus pés, entretidos mas bem presentes. Gozando a Sua presença. A Presença, em nós e connosco.

Mas para isto é preciso conhecê-LO, entrarmos em crise com a situação actual que vivemos e, depois, com Ele discutirmos as nossas razões! Poderá acontecer que O comecemos a conhecer e a perceber e a admirar... e a amar...

Vem aí o Natal. Ele quer nascer! Não de forma artificial que isso não é nascer, mas verdadeiramente no encontro do Criador com a criatura em conhecimento mútuo.

A obra está começada mas pode ainda não alcançar horizontes de eternidade e deixar-se morrer no tempo... Andar em busca, mas porque não encontra, não vive em paz e por isso é causa de desentendimentos...

Mas se Ele nasce... «Aí está o Cordeiro de Deus»... E nos faz o convite «vinde ver»... e Jesus faz-se Caminho.

Padre Júlio

# Benguela

**E**STOU a lembrar-me do grande acontecimento que foi a assinatura do protocolo de Lusaka. Naquela manhã de domingo andava ocupado com coisas da vida normal e, num instante, um grupo de pequenos corre ao meu encontro a dizer-me: — *Venha ver, venha ver!* Era a transmissão, em directo, pela televisão, da cerimónia da assinatura. Corri, naturalmente, atrás deles, e fui ver e ouvir.

## Cicatrices que ficarão pela vida fora

Muitas destas crianças viveram, na sua carne, os horrores desta guerra. Há uma alegria, entretanto, que me conforta: não falam mais na guerra. Levam a vida tão normal quanto é possível, de modo que as feridas muito graves estão em vias de cura, deixando, embora, cicatrizes que vão ficar pela vida fora. Não posso esquecer aquele pequeno que, depois de assistir à morte horrorosa do pai, perdeu a fala por completo, vindo a recuperá-la, algum tempo depois, quando recebeu os primeiros carinhos.

Ao longo dos dias, porém, fomos recordando todas as crianças que não puderam sair do «inferno» da guerra, para que nascesse uma corrente de solidariedade e de gratidão, tão benéficas na fase de crescimento em que se encontram! Por isso, não estranhei o alvoroço provocado naqueles corações ainda tenrinhos.

## A família é escola natural onde os filhos aprendem a ser solidários

Quando os filhos crescem alheios ao sofrimento dos Outros, tornam-se difíceis, secos, egoístas, mimados e sempre insatisfeitos. Não queremos que estes filhos esqueçam as suas raízes e as circunstâncias que os viram nascer e crescer, somente enquanto os podem ajudar a ser verdadeiramente humildes, trabalhadores e solidários. Quase não há uma ajuda aos Pobres que nos procuram que não passe pelas mãos deles. E como os vejo sempre felizes e prontos para esta tarefa! Quem dera que as famílias fossem a escola natural onde os filhos aprendessem a ser solidários. Se a fartura não for temperada pela partilha, pode gerar feras devoradoras dos fracos e sem voz. Os grandes ou pequenos potentados económicos, quando não fazem sociedade com o bem comum concreto, que está nas pessoas e nas estruturas que as ajudam, fomentam a miséria em vez do desenvolvimento.

Com o advento da paz, os projectos de emergência, que vigoraram até aqui, passarão a projectos de desenvolvimento. Se as Organizações não Governamentais tiveram um lugar importantíssimo nos projectos de emergência, destinados a acudir, de imediato, a situações extremas, vão ter igualmente o mesmo papel nos projectos de desenvolvimento, ajudando a criar estruturas, às quais as pessoas ajudadas hão-de dar vida com a sua participação. Deste modo, deixarão de ser simplesmente assistidas para serem uma parte activa no processo da sua integração normal na vida social. O espectáculo triste, de miséria, a que assistimos todos os dias, transformar-se-á em festa da vida a renascer e a crescer.

## Mola real no campo da assistência às populações

Há um perigo, contudo, latente e grave. A intervenção das Organizações não Governamentais estrangeiras foi a mola real no campo da assistência às populações. E as forças vivas nacionais, embora débeis ainda? A solidariedade interna, já profundamente afectada pela situação de violência em que Angola tem vivido, não terá sido afectada também pela desculpa de que as Organizações estrangeiras é que fazem e devem fazer?

Neste momento, veio-me à mente o princípio pedagógico de Pai Américo, aplicado às pessoas e às instituições: «Andar com quem anda». Ajudar a quem se ajuda também. Este é o caminho certo para um verdadeiro desenvolvimento pessoal e institucional. Se a sociedade civil, com forças para andar, não se dispuser a colaborar com a ajuda internacional a favor das populações, neste momento consideradas em estado crítico, faltará o elemento humano necessário à sociedade que está a refazer-se. É do seio do povo, formado por todas as camadas sociais, que há-de vir o impulso para a vida social equilibrada. Só há equilíbrio onde houver solidariedade. Quem dera que, por detrás dos grandes apoios internacionais, não se desenvolvesse o egoísmo e o individualismo interno, com manifesto prejuízo para a sociedade nova, a caminhar pelos seus próprios pés, num futuro que julgamos não estar longe. Quem dera que os novos empresários, alguns saídos do nada, não percam o caminho das suas raízes, nem o esqueçam, para serem capazes de manter uma relação solidária com aqueles que não têm nada e querem caminhar também com dignidade.

Sim, estou a pensar na multidão de pais, inquietos com a educação escolar dos seus filhos, sem poder comprar os livros, de tão caros que são. Têm diante de si o caminho da dignidade que passa pela escola, mas não podem segui-lo se não houver quem lhes dê a mão. É um problema muito concreto. Vamos abrindo as nossas mãos, convencidos estamos de que não hão-de ficar vazias, enquanto houver cabeças para encher.

Estamos a caminhar para o Natal...

Padre Manuel António

**A**dor dos Pobres é em mim cada vez mais aguda. Só me poderei calar ou quando morrer ou quando a dor se extinguir.

Por toda a parte observo gente degradada e por outro lado uma instalação aflitiva.

Vinha eu de Lisboa, onde fui, à nossa Casa do Gaiato do Tojal buscar doze mesas de computadores, numa pequena camioneta, para uma sala de informática onde pretendo instalar as ditas máquinas que ainda não tenho. Se tiveres alguma em bom estado, poderias oferecer-no-la. Atravessava a Capital com o veículo nas mãos, vagarosamente, e encontrei na avenida, frente ao Hospital de Santa Maria, tão elevado número de homens a fazer sinais aos condutores para arrumar carros, que o espaço não me pareceu superior a cinquenta metros do comprimento da via, para cada um. O mesmo quadro tenho contemplado no Campo dos Mártires da Pátria e noutros sítios de Lisboa e mais cidades.

O aspecto exterior denuncia a degradação que vai dentro de cada homem.

Passada a ponte e a parte da auto-estrada que se utiliza sem pagar, desviei para a estrada nacional em Casal do Marco, ruminando, no meu íntimo, o estado interior destes irmãos — vidas abandonadas — queimados por drogas de toda espécie e sem força nenhuma para se recompor; deparo com grupos de mulheres novas a oferecerem-se, exibindo tragédias familiares cujos pormenores desconheço mas que o meu coração adivinha.

— Mas isto é um atentado!?, irrompia de dentro de mim espontaneamente.

Terríveis e confusos sentimentos de amargura, incapacidade e medo me subjugaram, desaguando numa irreprimível vontade de chorar: — A natureza do homem proíbe tudo isto. A Lei de Deus confirma as mesmas exigências. A dignidade humana é aviltada duramente, sem que surja uma força, um movimento que contrarie. Meu Deus!... Como opor-mo-nos a tanta desgraça se a maioria dos cristãos cruzam os braços e fica especada a ver a enxurrada passar.

# Adoptar famílias degradadas

Um grupo de jovens adoptou uma família degradada. Foi o desalinho de um filho na escola que levou a professora a interessar-se por ele e a descobrir a raiz das suas dificuldades.

A jovem mestra juntou-se a outras e a mais rapazes, cristãos, e lá foram eles até ao tugúrio onde vivia aquela gente... ver, cheirar, impressionar-se e... revoltarem-se contra si próprios: — *Não pode ser! As crianças não devem viver assim! Não somos capazes de ficar indiferentes vendo tamanha desgraça!*

A casa transformara-se numa estremeira. Só da cozinha e do quintal arrancaram treze carradas de roupa podre.

A abundância de roupa retira-lhes a obrigação de lavar, pregar botões, dar pontos, passar a ferro, a necessidade de se ocuparem com as suas próprias carências. — Então? — Despe-se uma roupa, atira-se para o chão, pisa-se como os irracionais no curral e... veste-se outra. Ele há tanta roupa! Toda a gente dá roupa e tão pouco carinho, tempo, disponibilidade, interesse humano!... Dá pena.

Como não há-de aumentar o número dos degradados? Como?

Quem irá estancar esta trágica hemorragia social?

— O Estado?

— Sim, a ele compete uma boa parte desta tarefa. E levá-la-ia avante se fosse composto por gente com sentido de Justiça evangélica. Mas não.

Que vemos nós? Os seus vencimentos não são regulados pelo nível de vida dos portugueses, mas por critérios de fausto, luxo e vaidade. Tanto dos que governam como dos que se dizem oposição. Pois que quando se trata de meter ao bolso ninguém se opõe.

Disseram os jornais que o Presidente da África do Sul reduziu o seu ordenado em 20%. Ora aí está uma boa medida para se ter autoridade e se manifestar o desejo, ao menos, de ir ao encontro de tanta desgraça. Sabemos que a degradação não se vence só com casas, com postos de trabalho e com instrução, mas exige muito mais. Se, no entanto, falta tudo isto, também desaparece o prestígio de quem manda — e é uma rebeldia.

Pela força da fé não somos vencidos pela pressão do mundo. Muito menos nos acomodamos, deixando correr, lavando as mãos: — O Estado que faça.

Embora preferindo os Pobres, dói-nos o acomodamento de todos. Com o nosso empenho pretendemos ir ao encontro de envilecidos e instalados. Socorrendo os primeiros e a outros abrindo clareiras para que se arrependam e decidam fazer como o samaritano do Evangelho: assumam o irmão espoliado, tratem-lhe as chagas e paguem as despesas.

Um amigo, com o envio de cheque, dá-me um conselho: — *Não nos baleie mais com aquela de adoptar famílias!... Já custa tanto adoptar, crianças! Mesmo sem as adoptar, só a proteger, a ajudar... Por elas tudo!*

Gosto mesmo do termo baleiar: atirar uma bala. O meu desejo é que vá direitinho ao teu coração e mate todos os egoísmos e todos os medos de fazer experiências ímpares e ricas de amor gratuito. Tentativas que só os cristãos sabem fazer.

Quando exorto à adopção de uma família degradada é por causa das crianças que vegetam no seu ambiente! «Por elas tudo!» Amém.

Padre Acílio

## MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

perspectiva para o desabrochar do grande acontecimento histórico das eleições. Procurámos fazê-las compreender que a preparação do seu futuro depende de cada hora aplicada no estudo e no trabalho. Digo que procurámos porque o nível de compreensão é naturalmente limitado.

A perturbação que se temia no desenrolar da campanha eleitoral, se noutros lugares afectou alguém, aqui passou despercebida. Certamente os

meios de comunicação social estiveram atentos a tudo, onde se movimentaram as pessoas importantes ou o número de eleitores tinha mais peso. E qualquer agitação o teve demasiado, pela carga emocional que era preciso dar às notícias. Só as más são boas.

Illegalidades, certamente até houve, na melhor boa fé. Sei de alguém que fez a devida preparação para fazer parte da mesa de voto e naquela manhã foi substituída. Não é de esperar que toda a gente tenha agido dentro da lei. Não houve porém agitação que perturbasse o funcionamento e sobretudo a determinação calma do povo. Com orgulho nacional foi dito que as eleições correram exemplarmente. Sendo, na história de Moçambique, o primeiro exercício do direito de voto, pode afirmar-se que o Povo foi exemplar.

Os números são inquestionáveis. Noventa por cento dos eleitores inscritos, a maior parte deslocando-se a pé grandes distâncias, passando fome e sede todo o

dia, ordeiramente dando a vez aos mais velhos, merecem o maior elogio e também o melhor Governo. Tendo em conta que o alfabeto é potencialmente tão sábio como o alfabetizado e presumivelmente se equivalem, mas que a votação é coisa nova que não está adaptada à tradição secular de uma cultura de transmissão oral, é insondável se o que fez foi realmente o que queria fazer. Sobre isso, ninguém pode arbitrar, nem mesmo a Comissão Nacional de Eleições, que se safu eficiente e abonadamente impoluto.

O Governo, novo, a partir desta nova opção, pode e deve saber aproveitar-se

sábiamente, se fizer chegar a todos uma migalha de esperança. Como dizia Pai Américo: «O Povo contenta-se com tão pouco!» Mas sem esse pouco não haverá Governo que resista.

Ao escrever este apontamento estou percebendo a agitação que a fome provoca nos abutres, à revelia do bom senso, odiando a calma conquistada e estabelecida, desprezando o Povo que se manifestou ordeira e sacrificadamente pela Paz. O Povo está calmo e confiante, não pelos homens, mas por Deus em Quem acredita. Na nossa Casa, aqui à volta, estamos semeando a Esperança.

Padre José Maria

## PENSAMENTO

*Olhos marejados  
dobram de beleza  
quando o sentimento  
de piedade  
pelos que sofrem é  
que os faz chorar.*

PAI AMÉRICO



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galate — Paço de Sousa — 4540 Panófilo  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Novembro: 72.900 exemplares.